

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## CAMPANIFORMES IBÉRICOS.

SMITH, Margaret A.

Ano: 1955 | Número: 65

---

### Como citar este documento:

SMITH, Margaret A., Campaniformes ibéricos. *Revista de Guimarães*, 65 (3-4) Jul.-Dez. 1955, p. 272-298.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Campaniformes ibéricos (\*)

Por MARGARET A. SMITH

Assistente de Arq. Europeia na Univ. de Oxford (Keble College)

A opinião de que a cerâmica campaniforme, encontrada numa extensa área do centro e do ocidente da Europa, teve o seu foco de origem na Espanha tornou-se corrente através de publicações de há cerca de trinta anos, de Alberto del Castillo e de Bosch Gimpera. E, apesar de outros autores afirmarem que o facto de a maior densidade de achados de campaniformes se ter verificado na Europa Central confere a essa região maiores probabilidades de ter sido o centro de origem desta cerâmica—a tese espanhola é, contudo, a mais geralmente aceite. As ilações que daqui se podem tirar relati-

(\*) É sabido que uma grande parte dos problemas de Arqueologia hispânica interessam de igual modo tanto a Espanha como a Portugal, dado que a Península constitui uma unidade geográfica bem definida. E, apesar de, já nos tempos pré- e proto-históricos, a esta unidade geográfica não corresponder contudo a mesma unidade sob o ponto de vista étnico, demográfico, cultural e sociológico, também por outro lado não existiam então as fronteiras convencionais de hoje, nem quaisquer restrições de ordem política que, dentro do conjunto geográfico, contrariassem a livre expansão e interpenetração das diversas culturas e o estabelecimento de contactos entre os vários agrupamentos de populações autóctones.

Ora, muitos desses problemas de Arqueologia, comuns a portugueses e a espanhóis—como o da Cultura do «vaso campaniforme, o da Cultura megalítica, o das origens da metalurgia na Península, o da chamada «escrita ibérica», e tantos outros—, têm sido cuidadosamente estudados, quer em Espanha, quer por investigadores de diversos países europeus, ao passo que infelizmente o contributo português para a sua solução tem sido mínimo, apesar de não faltarem entre nós estudiosos competentes e versados em tais assuntos.

Damos hoje, nas páginas desta Revista, a tradução portuguesa de uma síntese do problema da origem e expansão da Cultura do «campaniforme» na Península, que muito deve interessar aos estudiosos portugueses. É autora deste trabalho a arqueóloga inglesa Miss Margaret Smith, e foi publicado no ano findo, sob o título de *Iberian Beakers*, nos «Proceedings of the Prehistoric Society» (Nova série, parte 1.<sup>a</sup>, pág. 85-107, Junho de 1954). Aqui deixamos expresso o nosso reconhecimento à ilustre autora deste estudo, bem como à Sociedade editora daquela publicação, por nos terem consentido a reprodução em português do importante trabalho científico.

vamente à pré-história europeia são manifestas: porque se o campaniforme resultou, de facto, de tradições locais espanholas, será esse acontecimento, ocorrido em Espanha, que virá estabelecer o *terminus post quem* para toda a cerâmica congénere europeia. Além disso, Castillo e Bosch Gimpera assinalam, com maior precisão ainda, pontos de partida das diferentes espécies de cerâmica campaniforme da Europa, visto que, dentro da Península, eles interpretam os diversos estilos como fases da evolução geral desta cerâmica, e por conseguinte como implicitamente sucessivos. Por outro lado, se a cerâmica do vaso campaniforme é, como Castillo sustenta, uma evolução da cerâmica primitiva hispânica, então os seus criadores, como descendentes da população original neolítica, bem podiam ser diferentes de outros povos posteriores da Península, que, já conhecedores dos metais, também fizeram uso do campaniforme. Nestas condições tornou-se aceitável a sugestão de a cerâmica campaniforme ter sido espalhada na Península pelas deslocações de um agrupamento populacional distinto, basicamente neolítico; e a existência de um grupo da mesma natureza a sul dos Pirineus vinha confirmar a hipótese de que também na Europa esta cerâmica fôra expandida pelas migrações de um «povo» especial.

Estas teorias dos citados arqueólogos espanhóis são evidentemente apropriadas para fixarem a interpretação que devemos dar à distribuição dos vasos campaniformes na Europa, considerando-os como um conjunto único; ora uma tal concepção exige o exame das suas perspectivas à luz das provas que a Península nos possa apresentar. Na cerâmica designada neste artigo com o título de «Campaniformes ibéricos», incluímos o vaso campaniforme propriamente dito, bem como outros vasos e taças com ele aparentados através de um esquema comum de ornamentação, vasos estes que frequentemente aparecem reunidos (Est. III, IV e V).

São bem conhecidas as duas tradições ceramológicas que se podem distinguir no Neolítico do Mediterrâneo ocidental: a tradição da cerâmica lisa, e a da ornamentada. Em determinadas regiões (por ex., em

Arene Candide, na Riviera italiana) os vasos com decoração incisa ou estampada são os mais antigos. Em Espanha, a distribuição da cerâmica lisa nas terras baixas sugere o estabelecimento de uma economia agrícola mais arraigada, a contrastar com a do povo da cerâmica ornamentada, do *hinterland* montanhoso, o qual estaria mais intimamente ligado à vida pastoril. A tradição decorativa na Espanha, representada em toda a Península por qualquer das suas modalidades (incluindo a ornamentação em relevo) recebeu de Bosch Gimpera a designação de «Cultura das grutas». Em 1941, Martinez Santa-Ollala designou por sua vez este material, num resumo da pré-história da Península, de «hispano-mauritano», para acentuar as suas prováveis afinidades africanas, que, já então, eram reconhecidas. Quanto à cerâmica lisa, sempre que ela aparece em Espanha, vem acompanhada de instrumentos de sílex, em grande parte de técnica biface, inteiramente estranhos às tradições do povo das «grutas». Bosch Gimpera dividiu esta cerâmica em grupos regionais (*v. g.* o «almeriense», o dolménico português); Martinez Santa-Ollala, por seu lado, parece considerar todo este material como diversos aspectos de um conjunto único, que classifica de «ibero-sahariano». Contudo, não obstante admitir-se a possibilidade de aqueles objectos de sílex representarem uma influência egípcia transmitida através do Sahara, as afinidades africanas da cerâmica ibérica lisa permanecem na verdade muito conjecturais.

Alberto del Castillo atribui também à tradição das «grutas» em Espanha a origem da cerâmica campaniforme. Em face do predomínio da ornamentação incisa no sul da Península, ele teve meios de acompanhar a sua expansão até Andaluzia. Para Castillo a cerâmica campaniforme não é mais do que o ponto culminante de um simples processo de evolução, dentro da qual, nessa região, o desenvolvimento dos vasos podia ser seguido, a partir da mais singela cerâmica incisa do Neolítico (como a da Cueva de los Murciélagos, situada na região montanhosa próxima de Málaga), através das características dos desenhos, desde os tipos mais antigos, como os de La Mujer, nas alturas de Granada, depois os de la Pileta, na

Serra de Tolex, e os das grutas de Gibraltar, até finalmente a série campaniforme daí resultante, em toda a sua opulência, cujos melhores exemplares se encontram em El Acebuchal, perto de Carmona. Desta forma o «povo das grutas» ter-se-ia convertido no «povo do campaniforme».

Há poucos anos, alguns desses grupos considerados de tradição hispano-mauritana foram definidos com maior precisão por San Valero Aparisi. É actualmente aceite que as maiores analogias com a cerâmica campaniforme se encontram no agrupamento cujos vasos são decorados com impressões de concha de *cardium*, de modo que a região ao longo da costa oriental da Espanha, onde aparece a cerâmica cardial, teria sido lugar mais provável para o desenvolvimento do campaniforme do que as montanhas de Andaluzia. San Valero sugeriu igualmente que a evolução dos campaniformes teria resultado do contacto de povos agricultores com a população pastoril das grutas.

Contudo, estas subtilidades esquecem os pontos essenciais da teoria da evolução. Uma vez que a indústria pobre do sílex e do osso não aparece nos espólios que contêm campaniformes, os argumentos para a identificação dos artífices do campaniforme com o povo da «Cultura espanhola das grutas» ficam inteiramente limitados aos testemunhos da cerâmica. É, por conseguinte, em face do grau de aptidão dos oleiros neolíticos que poderemos decidir se essa origem espanhola do campaniforme será ou não admissível ou provável.

Na gruta de El Pany, no sul da Catalunha, aparecem fragmentos cerâmicos decorados a concha, num nível inferior a determinado tipo de cerâmica campaniforme, de onde se concluiu que a derivação desta cerâmica da ornamentada a *cardium* é teoricamente admissível. As marcas de concha constituem um protótipo mais verosímil da decoração a «ponteados» dos campaniformes, do que a técnica do «*stab and drag*» (furo e arrastamento) da Espanha Central, da qual Castillo propõe que aquela forma de ornamentação derive. Além disso, como o próprio Castillo sustenta, a cerâmica neolítica apresenta efectivamente muitos dos motivos geométricos que entram na cons-

tituição da decoração do campaniforme. O aspecto de um fragmento ornamentado a *cardium*, proveniente da gruta de La Sarsa, em Valência, aproxima-se muito do das faixas de linhas ponteadas, bem conhecidas da cerâmica campaniforme.

Além disso, a qualidade da pasta da cerâmica cardial, como a de La Sarsa ou como a de alguns fragmentos incisos de Andaluzia, é realmente comparável à da cerâmica campaniforme. Em alguns exemplares o preparo da pasta é bem visível, e uniforme a aplicação do fogo; possivelmente a superfície de certos vasos também teria sido submetida a um banho. Os oleiros parece que eram realmente hábeis na modelação dos seus vasos: algumas das vasilhas com decoração cardial apresentam um pequeno bico tubular adelgado, como os das actuais bilhas espanholas e portuguesas, próprias para água.

A decoração campaniforme, contudo, cobre caracteristicamente todo o vaso e é sempre disposta no sentido horizontal, ao passo que no grupo hispano-mauritano aparece também constituída por zonas de padrões verticais e oblíquos, e por vezes de desenhos curvilíneos, os quais faltam absolutamente na cerâmica campaniforme. Por outro lado, a decoração dos vasos neolíticos apresenta-se principalmente confinada à sua metade superior, apenas com alguns desenhos pendentes que descem até à parte inferior. Todavia, o facto que mais se opõe à teoria da evolução é a falta de exemplares que preencham a lacuna entre a morfologia da cerâmica campaniforme e a da série da qual ela é supostamente derivada. Os quadros das formas conhecidas dos vasos neolíticos das grutas, com cerâmica cardial (La Sarsa e Montserrat, na Catalunha), nada apresentam de semelhante ao campaniforme, e, conquanto também ali haja taças, nunca mostram o espesso bordo característico da série campaniforme do período áureo. As asas, que aparecem com frequência nos vasos neolíticos, revelam igualmente um contraste com a cerâmica campaniforme, que as não tem.

De tudo isto apenas se pode concluir que, apesar de, pela manufactura da cerâmica neolítica, se verificar certa competência para a produção da cerâmica cam-

paniforme, e a sua decoração fazer lembrar em parte a dos campaniformes, a comparação entre as duas espécies cerâmicas não demonstra categoricamente que o campaniforme tenha evoluído da cerâmica neolítica. As séries que pretendem documentar essa evolução, com base na sua ornamentação, foram arbitrariamente formadas, especialmente desde que se



Fig. 1 — Localização das jazidas.

- Com campaniformes
- Outras estações

não tomou também em consideração a configuração dos vasos, não podendo portanto tais séries servir de apoio à teoria defensora de a cerâmica campaniforme ter sido necessariamente uma criação hispânica.

Por conseguinte, os testemunhos do período neolítico espanhol não fornecem a mínima data que nos permita fixar o início das séries campaniformes europeias. É certo que Martinez Santa-Olalla, comparando a

forma e a decoração dos campaniformes com material procedente de Tel Halaf, Jemdet Nasr e Tepe Hissar, e os exemplares de vasos ibéricos de pé alto, a que os arqueólogos ingleses chamam sugestivamente «fruteiras», *fruit-stand* (Est. II), com a cerâmica de Troia, Anatólia e Egipto, chegou à conclusão de que a cerâmica campaniforme foi importada do Médio-Oriente, já na sua forma evolucionada. Contudo estas analogias não se apresentam suficientemente flagrantes para que se tornem concludentes, e o problema da cerâmica campaniforme na Península continuou sem solução.

A história da cerâmica campaniforme ibérica, a partir do seu estabelecimento em Espanha e Portugal, tem sido interpretada de várias maneiras. Um oportuno resumo da divisão desta cerâmica segundo uma série de estilos (I-IV) foi apresentado por Bosch Gimpera nas suas conferências de Rhind, em 1936, constituindo assunto importante, em vista da forma como se propunha a utilização desses diferentes tipos cerâmicos como guia para a fixação da cronologia relativa, não somente na Península, mas também, considerada a expansão do campaniforme para além Pirineus, por toda a Europa.

Em concordância com a teoria de Alberto del Castillo sobre as origens do campaniforme, o estilo I, o mais antigo, era, evidentemente, o de El Acebuchal. Esse mesmo estilo é também conhecido em Ciempozuelos (perto de Madrid) e, de harmonia com os pontos de vista de Bosch, encontra-se igualmente nas primeiras fases das sepulturas cavadas na rocha do grupo de Palmela, junto ao estuário do Tejo.

O material compreende o campaniforme do tipo «clássico», de corpo boleado (fig. 2—n.º 1 e 2, e est. I—n.º 1) toda a série de formas de tigelas associadas aos campaniformes, incluindo as de bordos espessos e ornamentados (fig. 2—n.º 3-5) e as taças com pé (fig. 2—n.º 17) aparentadas com o campaniforme pela sua decoração característica. Esta última forma é conhecida somente por exemplares de El Acebuchal e de S. Pedro do Estoril (Est. II), estes aparecidos nos restos de uma sepultura da foz do Tejo considerada pertencente ao grupo de Palmela. Falta em

Ciempozuelos, apesar de esta estação estar relacionada com as jazidas portuguesas através das suas taças de perfil baixo e anguloso (n.º 5), que lembram formas idênticas do campaniforme das sepulturas do Tejo (fig. 2—n.º 6, e est. I—n.º 2).

O estilo II distingue-se pelo degenerado não só da forma, como da decoração; encontra-se na Meseta, com prolongamentos através da Catalunha. No final desta 2.ª fase, a cerâmica campaniforme parece ter-se estendido ao sueste de Espanha, sendo o estilo III o característico de Los Millares, estação já da Cultura dos metais. Nos campaniformes do estilo III a distinção entre o bojo e o pescoço do vaso desaparece; o perfil pode apresentar-se em curva suave (fig. 2—n.º 11), ou angulosa (n.º 14). A decoração característica do vaso campaniforme é a de faixas de linhas ponteadas (como a da est. I—n.º 4). A posição cronológica destes últimos vasos é particularmente interessante para a Pré-história europeia, porque a sua forma e padrão decorativo são típicos dos campaniformes encontrados no sul da França, nas ilhas do Mediterrâneo, no país basco e na Bretanha. O estilo IV não foi encontrado na Península, pois representa uma evolução tardia desta cerâmica, na região do Reno por exemplo, após ter ultrapassado os Pirineus.

Para estabelecer as posições relativas dos estilos I e II, Bosch Gimpera baseou-se nos elementos fornecidos pela Gruta de Somaén, na Castela oriental, onde certos fragmentos grosseiros com decoração incisa assentavam numa camada superior a outra, que continha cerâmica do estilo I. O explorador considerou este achado como evidenciando uma gradual decadência na vida dos primeiros habitantes da gruta, os quais teriam chegado a Somaén com certos indícios de civilização que foram perdendo, devido a um ambiente pouco favorável que os levaria a «pôr de parte toda a ideia do supérfluo e a cuidarem apenas do indispensável às suas necessidades».

Mas admitiu-se sempre que, por este simples exemplo local de degenerescência, não podia considerar-se a posição do estilo II como invariavelmente posterior à do estilo I, a não ser que se admitisse

uma destas duas hipóteses: ou a cerâmica do estilo I degenerou, isolada mas paralelamente, em todas as jazidas como a de Somaén, ou todos os lugares onde os dois estilos têm sido encontrados se mantiveram em contacto durante o tempo bastante para que o referido estilo II, onde quer que se houvesse desenvolvido, se difundisse entre eles. Evidentemente que só esta segunda hipótese seria aceitável e poderia dar à posição cronológica do estilo II valor superior ao de uma simples conjectura. Seja como for, a recente opinião de Castillo (1953)—após ter examinado os fragmentos cerâmicos nos quais este sistema foi assente pela primeira vez — é a de que os tais fragmentos do chamado estilo II de Somaén não pertencem de modo algum à cerâmica campaniforme, mas sim aos vasos de tradição hallstättica local. Quando, portanto, noutras jazidas de campaniforme, *v. g.* em El Acebuchal e Palmela, aparecem fragmentos mais grosseiros com decoração geométrica menos cuidada (cf. est. VII — n.º 7 do livro de Castillo), isso não é razão bastante para supormos que uma tal cerâmica não tenha sido fabricada ao mesmo tempo que outra mais fina, com a qual seja encontrada. Pelo contrário, a cerâmica profundamente incisa do grupo da Catalunha Nova estabelecido por Castillo, que também era vulgar incluir no estilo II, representa talvez uma simples variante regional do vaso campaniforme (1).

Somaén foi o único lugar que forneceu alguns elementos estratigráficos permitindo a separação da

---

(1) Por coincidência, a rectificação de Castillo sobre os elementos obtidos em Somaén permite considerar o grupo da Catalunha Nova relativamente moderno. Devido a não aparecer em Ciempozuelos a decoração a que ele chama «excisa» — com maior propriedade, «falso relevo» — contida nos fragmentos de campaniforme de Somaén, conclui que tal decoração deve corresponder a uma fase mais moderna do estilo I. Não parece contudo admissível supor-se que os dez vasos recuperados em Ciempozuelos contenham a totalidade do repertório da época, relativo à decoração da cerâmica; em todo o caso, aquela técnica decorativa apareceu também no grupo de Palmela (Alapraia II, est. I-n.º 2) e nos restos de um megálito (Pla del Boix) dos Pirineus, num espólio pertencente à 1.ª Idade do Bronze.

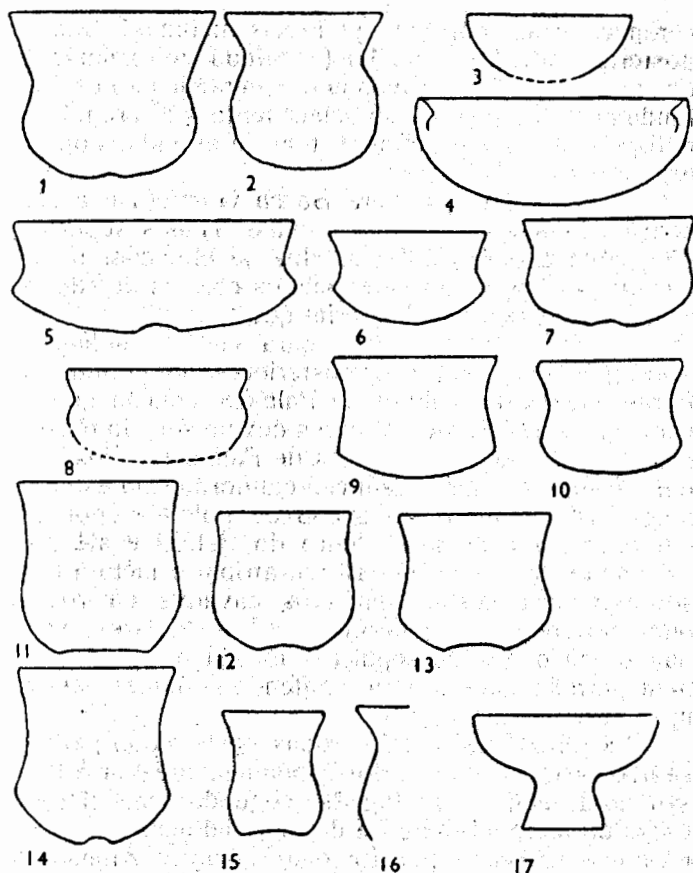


Fig. 2 — *Perfis de cerâmica campaniforme ibérica.*

(Esc. 1/6,5 excepto os n.ºs 16 e 17)

1, 2, 5 — *Clempozuelos*; 3, 6, 9 — *Alapraia*; 4, 7 — *Palmela*; 8 — *Cañada Honda G*; 10, 17 — *S. Pedro do Estoril*; 11 — *Aigues Vives*; 12 — *Loma de Belmonte*; 13 — *Arenero de Miguel Ruiz*; 14 — *Atalaya*; 15 — *Filomena*; 16 — *Cañada Honda G (deseño de Bonsor)*.

cerâmica campaniforme em níveis distintos. Mas a posterioridade do estilo III («período de expansão») do campaniforme, relativamente à cerâmica do estilo I, fundamental para o estabelecimento da cronologia europeia de Bosch Gimpera, tem de assentar noutros argumentos.

O facto decisivo para Bosch Gimpera é a presença de campaniformes do estilo III nos sepulcros de cúpula de Los Millares. Insiste ele, com razão, na íntima relação destes sepulcros com os de Alcalar (Algarve), não só no material que forneceram, como na forma. Uma vez que, para ele, os sepulcros portugueses do sul são posteriores ao período de florescimento da Cultura de Palmela, conclui que os campaniformes de Los Millares devem ser, do mesmo modo, mais modernos que os de Palmela. Contudo, é um facto que apareceram campaniformes do estilo III nalgumas sepulturas do grupo de Palmela (por ex. em Alapraia II, em S. Pedro do Estoril e até propriamente em Palmela). Bosch atribui o facto a uma sobrevivência destes sepulcros cavados na rocha, num período contemporâneo de Los Millares, visto que o início de tais sepulcros fôra já por ele fixado num período mais antigo, contendo cerâmica campaniforme do estilo I.

As duas fases estabelecidas deste modo para os sepulcros do Tejo não correspondem todavia à divisão do Eneolítico português, segundo uma classificação do material antigo e do material mais moderno, há anos publicada por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço (1941), na qual se não encontra prova alguma que autorize a colocar estes sepulcros fora do grupo correspondente à 1.<sup>a</sup> fase fixada pelos AA. Ao mesmo tempo, Georg e Vera Leisner, depois de estudarem os espólios funerários de todos os sepulcros megalíticos do sul da Península, concluíram que os objectos característicos do grupo de Palmela, as «sandálias» de pedra de Alapraia II (Est. VIII), por exemplo semelhante a uma outra de Los Millares, mostram não serem anteriores mas sim contemporâneos desta última estação. Se assim é, razão alguma existe para a distinção no tempo, entre campaniformes dos estilos I e III.

Os estilos I a IV tem sido sempre considerados, tanto nos trabalhos de Castillo como nos de Bosch Gimpera, como constituindo uma série tipológica, na qual as várias fases (estilos) são necessariamente sucessivas, como se depreende, por exemplo, quando Bosch «data» parte do material de Palmela como pertencente a um período mais moderno, em face da prova evidenciada pela cerâmica do estilo III, ali conjuntamente aparecida. É óbvio que esta seriação não possui o valor que lhe é atribuído. Bosch Gimpera considera o seu estilo III mais moderno do que o I, não porque ele, em si, revele uma evolução cerâmica manifestamente mais recente, mas pelos elementos de prova de um destes conjuntos, isto é — o relativo modernismo, em sua opinião, de Los Millares em relação a Palmela. A necessidade de rever a sua interpretação da cerâmica campaniforme de Espanha e Portugal deriva também de outras conclusões anteriores (resultantes das investigações de Jalhay, de Afonso do Paço e dos Leisner) acerca das relações dos agrupamentos culturais em que a dita cerâmica é encontrada. Em suma, qualquer seriação dos vasos campaniformes tem de ser, como sempre o foi, dependente de uma interpretação geral da sua época. Essa revisão torna-se, na verdade, indispensável visto que, propriamente nos exemplares cerâmicos, pouco ou nada existe sobre que possa determinar-se o curso da sua evolução estilística; o critério de um aperfeiçoamento técnico, por exemplo, que concede uma relativa autoridade própria à tipologia do metal, não é aqui aplicável. Por consequência, quando qualquer tipo de cerâmica campaniforme nos revela um significado cronológico especial, este deve fixar-se, não partindo da posição de tal cerâmica numa hipotética série tipológica independente, mas correlacionando a sua forma e decoração particulares com um certo número de exemplares do mesmo conjunto datável. Na ausência de estratigrafia, enquanto essas correlações não forem definidas, os «estilos» não passam de simples expressões descritivas, as quais não garantem que eles não possam ser todos contemporâneos.

Os Leisner iniciaram este processo de interpretar a cerâmica campaniforme no seu estudo dos sepulcros megalíticos do sul da Península, estabelecendo que os vasos são descobertos numa relação aparentemente constante com o material da Cultura de Los Millares. Em presença dos elementos fornecidos por esta estação-tipo puderam dividir o decorrer da Cultura correspondente em dois períodos, sendo o segundo representado pelos sepulcros que apresentam formas mais complexas e um certo empobrecimento dos espólios funerários, que se encontram em sítios mais afastados daquele povoado. A cerâmica campaniforme parece ter surgido durante a transição entre estes dois períodos, prolongando-se através do segundo. Isto condiz com elementos fornecidos pela Andaluzia ocidental, onde uma penetração da Cultura de Los Millares pôde verificar-se, tanto na estrutura como no conteúdo de um grupo de sepulcros de Gandul, perto de Carmona. Ali, no sepulcro de corredor de Cañada Honda G e na galeria coberta de Carrascal, havia enterramentos individuais intactos, contendo cerâmica campaniforme (segundo indicações do diário de campanha do investigador Georges Bonsor), em contraste com os espólios de outros túmulos, que parecia terem sido depositados após o primeiro período dos mesmos, ou, pelo menos, já no final dele. Com estes dados, os Leisner puderam aludir a uma época do campaniforme (*Glockenbecherzeit*) no sul da Espanha.

Contudo, as conclusões que tiraram dos testemunhos obtidos em Carmona vão mais longe. Um novo exame que fizeram ao material do megálito de Gandul tornou possível, pela primeira vez, apontar objectos que actualmente se consideram associados à cerâmica campaniforme da Península: os dois enterramentos com campaniforme, no corredor e à entrada da câmara lateral, em Cañada Honda G, estavam acompanhados de pontas de seta triangulares de sílex, com base ligeiramente côncava e trabalho biface, contas com finas tiras de ouro enroladas, contas discoides feitas de conchas, e um seixo com arredondamento natural. O cadáver de Carrascal (acocorado ou sentado, com as mãos cruzadas no peito) estava

equipado com um punhal de cobre com espigão e continha também uma fina placa de ouro perfurada, para suspensão ou prisão. Exemplares de cerâmica lisa, trabalhos delicados de sílex ou objectos típicos de Los Millares, tais como pequenas jarrinhas de marfim, encontradas noutras partes dos túmulos, não foram descobertos junto de campaniformes. Os Leisner pretenderam deduzir daqui que aqueles enterramentos intactos foram praticados por um povo que não possuía aqueles objectos característicos, pelo que esse que, por conseguinte, deveria ser considerado como inteiramente distinto dos construtores e primitivos utilizadores dos megálitos. Atribuem assim a cerâmica campaniforme dos túmulos à chegada de um povo independente, o «povo do campaniforme» (*Glockenbecherleute*).

Na verdade, os enterramentos de Gandul, constituem o único caso conhecido em que a posição dos achados de campaniformes fornece alguns indícios de que os vasos deveriam ser interpretados em separado do restante material, quer de Los Millares, quer de outros grupos culturais, com o qual têm sido encontrados juntos; mas este caso, por si só, dificilmente bastaria para se poder afirmar que toda a cerâmica campaniforme da Península pertence a um grupo étnico distinto (1). Nas suas conclusões, os Leisner parece considerarem, de facto, o espólio de Gandul precisamente como a confirmação da teoria em curso

---

(1) Infelizmente não existe uma série suficiente de material esquelético ou craniano, dado como aparecido com cerâmica campaniforme, em face do qual se pudesse estabelecer a ordem de variação do tipo físico associado à mesma cerâmica. Sem esta informação basilar não é possível fazer comparações ou destacar contrastes entre restos avulsos, que algumas vezes são encontrados com campaniformes ou com material de Los Millares. Uma publicação preliminar sumária do espólio das grutas sepulcrais e megálitos dos Pirineus (J. Serra Vilaró, *La civilització megalítica a Catalunya. Contribució al seu estudi*, Solsona, 1926) resultou, talvez, num contexto demasiadamente especializado para poder ser considerado como um padrão típico «do campaniforme»; a maioria dos crânios procedentes dessas grutas foram classificados como dólico- ou mesocefálicos.

sobre a individualidade dos campaniformes. A identificação de um «povo do campaniforme» em separado (*Beaker Folk*), tem sido apoiada pela convicção de que esse povo representaria os restos da população neolítica das «grutas». É, porém, indispensável considerar se haverá possibilidade de sustentar a ideia de um «povo» distinto, quando a correspondente suposição de a sua cerâmica ser de origem neolítica se considera problemática; muito especialmente, uma vez que a qualidade do argumento de que se lançou mão para demonstrar a existência desse povo em Gandul (isto é, a atribuição de todo o material de Los Millares ali encontrado a um grupo cultural diferente) admite um «povo do campaniforme», mas com características que aliás praticamente se desconhecem, a não ser a sua cerâmica ornamentada (1).

Os conjuntos nos quais a cerâmica campaniforme tem sido encontrada na Península Ibérica parecem, à primeira vista, extremamente variados. Não possuímos pormenores acerca das famosas valas de enteramentos de Ciempozuelos, mas as do Arenero de Miguel Ruiz, também perto de Madrid, eram tapadas com uma lage. Em El Acebuchal havia uma série de pequenas covas em forma de saco, cavadas na rocha friável, publicadas por Castillo como contendo o mais antigo conjunto conhecido de cerâmica campaniforme. Essas covas não foram sempre destinadas a fins sepulcrais, mas um grupo de outras, mais mal trabalhadas e completamente tapadas, constituía uma necrópole (com dois vasos campaniformes), próxima de Marchena. Uma necrópole aparentemente semelhante foi descoberta junto da costa

---

(1) Outro argumento em que os Leisner firmam a opinião de que os possuidores dos campaniformes de Gandul constituíam um «povo» distinto é o considerarem as covas em forma de saco, ou silos, no meio das quais a cerâmica campaniforme foi achada, perto de El Acebuchal, como neolíticas, ou seja, estranhas à Cultura de Los Millares. No Algarve, contudo, foram encontrados silos semelhantes associados a túmulos de corredor, do grupo de Los Millares, nos quais a câmara é formada de lages verticais, exactamente como nos exemplares de Gandul.

oriental de Espanha, em Filomena de Castellon. Mais a sul foi encontrada cerâmica campaniforme em poços cilíndricos, em Alfogás (Albaida) a sul de Valência, contendo rebotalhos domésticos, como no Lugar M de El Acebuchal. Na Meseta apareceu cerâmica campaniforme nas ruínas de um sepulcro de corredor, em Entreterminos, na província de Madrid; mais a norte, apareceu também em galerias cobertas, em dólmenes e grutas da Cultura pirenaica, bem como no grupo de grutas sepulcrais da Catalunha. Outros importantes centros foram os das sepulturas talhadas na rocha do estuário do Tejo, e os dos túmulos sem corredor, ou de corredor, de cúpula, e das galerias cobertas do grupo de Los Millares.

De modo que, tal como na questão da distribuição dos vasos através da Europa, estes factos têm conduzido à suposição de que a presença de cerâmica campaniforme em tão diferentes circunstâncias só pode ser explicada admitindo-se que, na maioria dos casos, ela é adventícia. Uma vez aceite este argumento, então seria plausível admitir-se a existência de um «povo» específico do campaniforme, de grande poder de mobilidade e tendências universalistas, que haveria participado em todas as práticas funerárias com as quais tivesse estado em contacto.

Quando, todavia, consideramos outros espólios funerários, de lugares que produziram campaniformes, a diferença entre alguns desses conjuntos, no meio dos quais a cerâmica se encontrou, não parece ser tamanha como a variedade de formas de sepulturas atrás descritas deixaria supor. Diversidades na prática dos enterramentos nem sempre são, nessa época e na Península, indicativas de diferenças culturais: por exemplo, o povo dos enterramentos em grutas, de Múrcia e Valência (Los Blanquizaes, Cova de la Pastora), é claramente definido pelo seu armamento (*v. g.* instrumentos de sílex) e pelos objectos de «culto» (ídolos constituídos por falanges pintadas), tal qual os habitantes de Almeria, que aliás enterravam os seus mortos em edifícios sepulcrais; e, não obstante, nenhum destes megálitos é conhecido a norte de Seguro. Infelizmente, não é possível saber se o mesmo conjunto material existiu também nas

sepulturas em cova com cerâmica campaniforme, da costa oriental (1); mas, pelo menos em Filomena, havia uma pequena taça carenada, que poderia ser considerada típica de qualquer sítio de Almeria, e esta variedade de cerâmica escura e lisa é um elemento que aparece frequentemente com cerâmica campaniforme nas grutas e megálitos dos Pirineus, como igualmente é conhecida na Meseta (2). Por conseguinte, na Espanha central e oriental, os achados não favorecem muito incisivamente uma distinção entre grupos, baseada em diferenças de ritual funerário, visto que os respectivos espólios não apresentam um contraste correspondente. Por outras palavras, a cerâmica campaniforme nestas regiões não aparece com certo número de circunstâncias discordantes, mas em conjuntos que presentemente se consideram de algum modo aparentados. Evidentemente que, quando muitos destes diferentes sítios contêm, além dos campaniformes, elementos comuns, não há necessidade de interpretar isoladamente a cerâmica campaniforme, como sendo uma espécie intrusa e independente, a fim de explicar a sua presença em todos eles. Por conseguinte, a correspondente hipótese de um «povo» especial do campaniforme parece-nos supérflua.

Além disso, pela distribuição de outros objectos diferentes dos campaniformes, é sabido que existia um intercâmbio de produtos especializados entre diversas regiões da Península, mesmo quando não havia estreitas afinidades entre esses grupos assim relacionados. Os punhais de sílex procedentes da costa portuguesa, por exemplo (Estr. VII - n.º 1) foram também achados em Los Millares (sepulturas 40, 9, etc.), e cerâmica ornamentada com desenhos de «olhos» característica deste último centro, apareceu igualmente em Portugal num megálito poligonal do Alentejo (Anta Grande do Olival da

(1) Das grutas de Múrcia e Valência são apenas conhecidos fragmentos isolados de campaniforme.

(2) Por exemplo, a taça carenada do Arenero de Miguel Ruiz: Marquês de Lorianá 1943, Fig. 6.

Pega) (Est. VI), e numa gruta sepulcral catalã (Gruta C de Arboli). Por vezes a distribuição de um objecto ultrapassa manifestas afinidades culturais, como no caso dos alfinetes de osso com cabeça separável encaixada, que as grutas valencianas partilham com os enterramentos da província de Granada (Fonelas) e com Palmela (Est. IX — n.º 1), não obstante esse objecto ser quase desconhecido nos grupos almerienses, de onde, como eu verifiquei, muito do material daquelas grutas parece ser derivado. A mesma distribuição especial se nota relativamente aos botões de osso perfurados em V, com as extremidades em forma de leque (Est. IX n.ºs 2 e 3), que foram encontrados nas sepulturas do Tejo (Alapraia II e Palmela), nas galerias cobertas e grutas sepulcrais de Granada (*v. g.* Loma da la Manga, Cueva Alta), e, através de uma forma simplificada pela Cultura pirenaica do território espanhol, nas grutas sepulcrais afins do sul da França (Grotte de la Vigne Perdue, perto de Narbonne).

De onde se conclui que diversos objectos, tais como esses botões perfurados em V, têm sido encontrados, do mesmo modo que os campaniformes, em diversos conjuntos de vários pontos da Península e de fora dela. E contudo, nunca ninguém sugeriu a existência especial de um «povo dos botões perfurados em V», para explicar a distribuição destes. Não se compreende portanto que necessidade ou justificação possa haver para se interpretar um espólio campaniforme somente nesse aspecto especial, desde que ele está relacionado com o mesmo fundo geral de um modo idêntico. Além disso, uma vez estabelecido que existiram contactos e permutas através da Espanha e de Portugal, não há razão para que os campaniformes não possam ter percorrido um trajecto semelhante, como sendo um estilo ou moda adoptada entre grupos cujas afinidades estão hoje suficientemente confirmadas.

Nestes termos, longe de os achados de Espanha e de Portugal confirmarem a existência de um «povo do campaniforme», como frequentemente se julga, haveria pelo contrário a necessidade de uma prévia hipótese da existência de um tal povo, para justificar

a separação da cerâmica campaniforme dos conjuntos em que ela é encontrada e atribui-la à influência desse agrupamento especial. Contudo uma tal hipótese não é consentida pelos espólios da Península: a noção de um povo do campaniforme parece ter sido, em grande parte, um artifício ali adoptado para explicar a distribuição dos vasos; e a aparente diferença entre os vários conjuntos de campaniformes não apresenta, de facto, o problema que esta hipótese pretendia solucionar. Se, por outro lado, se argumenta que a distribuição europeia dos campaniformes exige que o mesmo povo móvel, responsável por uma mais larga difusão da cerâmica, também tivesse atravessado a Espanha e Portugal, como povo diferenciado de todos os grupos culturais onde a cerâmica campaniforme tem sido achada, só temos a dizer que não parece possível isolar elementos do material da Península, que razoavelmente se possam supor representativos desses mesmos grupos.

A semelhança de alguns dos campaniformes espanhóis e portugueses com os achados noutras regiões é, contudo, verdadeira, e poderia explicar-se facilmente por uma migração. Recentes interpretações da cerâmica campaniforme ibérica têm sido orientadas no sentido de demonstrar que, na Península, o material se divide em dois grupos distintos, somente um dos quais participa das grandes afinidades manifestadas na distribuição europeia da cerâmica. Por conseguinte argumentar-se-ia que o mesmo povo responsável pelo tipo «internacional» da cerâmica campaniforme em Espanha e Portugal levou também cerâmica semelhante através da Europa.

Os exemplares n.º 3 e 4 da est. I pertencem à espécie campaniforme mais flagrantemente semelhante à estrangeira (cf. a da Sicília e a da Bretanha). Os Leisner são de opinião que a distribuição de tais campaniformes justifica o nome de *Seeverkehrbecher*, e este grupo inclui aproximadamente o mesmo material que o do estilo III de Bosch Gimpera. A decoração a ponteadado, constituída por fachas com linhas oblíquas de pontos em direcções alternadas (cf. n.º 3), é característica. Desenvolvendo o tema dos Leisner, propõe Savory, num artigo publicado

em 1950, a conservação do termo «campaniforme» somente para este tipo de vasos; para o restante material campaniforme ibérico, com decoração incisa (como o da est. I, n.º 1 e 2), sugere o título de «cerâmica incrustada de Palmela-Ciempozuelos». De harmonia com esta diferenciação, considera ele os dois tipos de vasos como correspondentes a distintos, embora relacionados, agrupamentos populacionais, representativos de duas fases de imigração na Península.

A típica decoração a ponteadado, que, segundo este ponto de vista, seria indicativa de um determinado grupo de possuidores, encontra-se em campaniformes de variadas proporções (fig. 2, n.º 7 e 9-16), posto que não sob a forma «clássica», como em Ciempozuelos. É sem dúvida inegável que um segundo estilo decorativo, com desenhos de padrões mais complicados, por vezes realçados com um enchimento ou incrustação a branco, foi igualmente usado na cerâmica campaniforme ibérica, aparecendo em geral nos vasos de certo modelo, designadamente nos campaniformes propriamente ditos, ou «clássicos», nos vasos de perfil anguloso, e nas taças com pé alto, em forma de «fruteira» (fig. 2, n.º 1-6, 8 e 17). Estes dois tipos cerâmicos, postos em confronto por Savory, parece mostrarem contudo uma nítida semelhança de forma, por exemplo na concepção do modelo dos respectivos campaniformes de cada um (compare na est. I, os n.º 1 e 4), sendo mesmo possível agrupar numa série as taças de linha angulosa do grupo de Ciempozuelos, dentro da qual não destoaria a inclusão de alguns campaniformes portugueses ornamentados a ponteadado (fig. 2, n.º 6-10). Além disso, nem sempre se verifica a ligação da técnica do ponteadado aos campaniformes propriamente ditos, e a dos desenhos incisos a outro grupo de modelos de vasos, com o que se pretende apoiar o ponto de vista de as diferenças na decoração oferecerem um significado mais amplo. Um campaniforme «clássico» de Ejica (1), uma «fruteira» de El Acebuchal (2) e

(1) Castillo, 1928, Est. XI.

(2) Martínez Santa-Olalla, 1947, Est. XV.

uma simples taça de S. Pedro do Estoril (1), por exemplo, são decoradas a ponteadado, ao passo que um campaniforme de Atalaya 6, em Almeria (2), e outro de Marchena, em Andaluzia (3), são incisos (posto que os Leisner afirmem que estes últimos representam uma evolução tardia dos campaniformes com faixas de linhas ponteadas, consideradas típicas).

Savory concorda que os vasos a ponteadado e os incrustados estão estreitamente relacionados no fabrico e em alguns motivos empregados na ornamentação. Ele atribui a hibridismo os exemplares citados no parágrafo anterior. Contudo, sendo frequente considerarem-se as excepções como casos híbridos, antes de se fixar a existência das características essenciais dos estilos puros, não parece de uma evidência tão natural, como a que ele admite, uma divisão em dois grupos distintos, somente em presença do testemunho particular da cerâmica; a sua afirmativa de que a diferença de estilos decorativos traduz uma diversidade de possuidores depende em larga escala dos argumentos empregados para justificar a distribuição dessa cerâmica.

Muitos dos campaniformes propriamente ditos, com faixas circulares a ponteadado, procedem de lugares perto da costa (por ex. de Los Millares, Alapraia II e S. Pedro do Estoril, Puentes de Garcia Rodriguez, na Galiza, e Bretanha), em contraste com a bem conhecida situação de Ciempozuelos, no interior da Meseta. Baseado neste facto, Savory põe em confronto um povo «internacional» do campaniforme (possuidor dos *Seeverkehrbecher*), essencialmente emigratório e provavelmente pastoril ou caçador, com outro agrupamento mais sedentário, o da cerâmica incisa do interior, predominantemente agricultor, apesar de não parecer muito possível conciliar a dificuldade de ordem económica em que se

(1) *Ibid.*, fig. 6, n.º 1.

(2) G. e V. Leisner, 1941, 7/2 11.

(3) José Ramon Mélida: «Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional en 1917», in *Rev. Arch., Bibliot. y Museos*, 1918.

encontraria o primeiro destes grupos populacionais de ter de efectuar longas viagens por mar com uma multidão de pessoas e rebanhos a deslocar. O próprio Savory confessa que os vasos destes dois grupos aparecem algumas vezes na mesma jazida, e, quando se considere a sua interpretação relativamente às distribuições da cerâmica, é preciso não esquecer que esse caso se repete frequentemente. Cerâmica a ponteadado e incisa foi, por exemplo, encontrada junta nas sepulturas de Palmela (Alapraia II), na Andaluzia (El Acebuchal), nas sepulturas de Los Millares (Atalaya 6) e no grupo de Alfogás, em Valência, como ambos esses tipos são igualmente conhecidos no conjunto da Cultura pirenaica. É um facto que, na maioria dos casos, a cerâmica não foi recuperada em circunstâncias que nos permitam afirmar que os vasos a ponteadado e os incisos estivessem verdadeiramente associados, no sentido rigoroso da palavra; mas, em vista do número de exemplos, em grande parte da Península, de lugares com os dois tipos de vasos, não parece lícito ignorar o possível significado destas associações, ao afirmar-se que são devidas a agrupamentos populacionais distintos. A verdade é que, no único caso em que pôde obter-se uma informação precisa sobre os conjuntos com campaniforme, ou seja em Gandul, tornou-se evidente que ambos os tipos de decoração foram ali praticados pelo mesmo povo, uma vez que nos dois enterramentos tardios, e intactos, de Cañada Honda G, cuja situação é precisamente a mesma, foram respectivamente encontrados, segundo o diário do escavador, uma taça profundamente incisa (fig. 2, n.º 8) e um típico campaniforme a ponteadado (fig. 2, n.º 16). Estes informes também não parecem favoráveis à proposta dos Leisner para separar no *tempo* a cerâmica a ponteadado da cerâmica incisa.

Em suma, os fragmentos de campaniforme «internacional» do túmulo de corredor de Entreterminos, perto de Madrid, que Savory cita como uma excepção à sua generalização de que os vasos com faixas a ponteadado são, na sua distribuição, essencialmente costeiros, podem, pelo contrário, ser citados para provar que em qualquer parte da Península onde

aparece campaniforme, ambos os tipos cerâmicos podem ser encontrados. Na região de Madrid poderia ele também citar o vaso campaniforme completo, a ponteadado, do Arenero de Miguel Ruiz, encontrado, como em Ciempozuelos, numa sepultura de fossa. A Galiza é, de facto, a única região da qual só são conhecidos campaniformes do tipo «internacional»; mas esses exemplares não poderão ser considerados senão como um argumento *ex-silencio*, uma vez que sòmente ali foram encontrados os dois vasos de Puentes de Garcia Rodriguez, os quais, em todo o caso, têm sido comparados especialmente com os campaniformes do Arenero de Miguel Ruiz. Finalmente, se considerarmos a presença de campaniformes a ponteadado nas alturas dos Pirineus (por ex. em Balma de Solonell, perto de Solsona), torna-se evidente que as regiões através das quais se espalharam esses vasos, melhor se deveriam designar como acessíveis do que litorais. Por outras palavras, a distribuição da cerâmica, incluindo a campaniforme incisa, parece estar claramente em relação íntima com a densidade da população dessa época.

A afirmação de Savory de que a distribuição da cerâmica incisa e a ponteadado «mostra um grande contraste através da Península» não pode, por conseguinte, ser aceite como exacta, e a sua teoria de que a diversidade de ornamentação exige a presença de dois «povos» do campaniforme é difícil de sustentar, em presença dos testemunhos obtidos em Espanha e Portugal.

Esta conclusão de modo algum é prejudicada pela opinião apresentada por Castillo e Savory, de que uma forma degenerada de cerâmica campaniforme incisa sobreviveu durante o Bronze Médio. Parece provável, por exemplo, que quaisquer grupos da Catalunha Nova, de Castillo, ou de lugares portugueses, tais como o de Montes Claros, perto de Lisboa, tenham subsistido dentro desse período; na verdade, apesar do pouco que se conhece da sua exacta proveniência, a mais rica cerâmica de El Acebuchal pode bem ser muito tardia, ao contrário de muito primitiva como pensa Bosch Gimpera. Contudo, o facto de algumas variedades de cerâmica incisa sobreviverem,

não implica necessariamente que todo o campaniforme ibérico decorado por incisão possua uma tradição especial.

Toda a tentativa para interpretar os campaniformes ibéricos teve de colidir com o facto de os achados da Espanha e de Portugal não serem concludentes. Parece justo afirmar que, na ausência de conclusões manifestas derivadas destes achados, os arqueólogos se têm limitado a interpretar a semelhança entre o material ibérico e a cerâmica campaniforme achada noutras partes da Europa; e, com esta finalidade, têm proposto teorias que supõem de harmonia com os achados da Península, posto que tais teorias não derivem necessariamente desses achados.

A noção de um «povo» do campaniforme que explique esta relação, no sentido de se admitir que na Espanha e em Portugal a cerâmica análoga pertence a um agrupamento populacional distinto, é uma das hipóteses desta espécie.

Contudo, uma revisão deste género de argumentos mostra que tais ideias não passam da categoria de hipóteses, e não são deduzidas dos achados da Península, como por vezes se supõe. Ao mesmo tempo, enquanto o Neolítico e as primeiras idades dos metais na Ibéria não forem, de um modo geral, melhor conhecidas, ninguém poderá pretender *provar* que as ideias correntes sobre os campaniformes estejam erradas, se bem que a balança das probabilidades pareça ser contra elas. A principal objecção à sustentação da actual hipótese de um «povo» do campaniforme é a que parece excluir a possibilidade de jamais se reconhecer qual era esse povo que produziu ou foi o possuidor de uma tal cerâmica na Península. Se os campaniformes forem sempre interpretados como o indício de um grupo distinto, bem restrito será o conteúdo desta ideia de um «povo do campaniforme», a não ser a concepção da sua vida móvel e o possuir este tipo de cerâmica. Mas, se a noção de que o povo do campaniforme, como povo independente, é posta de lado, ainda existe todavia certa indicação positiva da possibilidade da sua identificação. No volume I de *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel*, os Leisner estabeleceram uma

diferenciação sob o ponto de vista da situação da cerâmica campaniforme em diversas partes da Península. A sua análise mostra que os campaniformes não faziam parte do conjunto original de Los Millares, mas apenas uma modalidade vinda de fora chegou ali, após um período inicial de florescimento. Nas sepulturas abertas na rocha e nas grutas funerárias do agrupamento do Tejo parece não ter lugar uma divisão idêntica a esta, ou seja, em um período pré-campaniforme e num período campaniforme; consequentemente parece não haver também razão para supormos que os campaniformes não tivessem feito parte integrante do espólio de Palmela.

Com a descoberta das taças em forma de «fruta» de S. Pedro do Estoril é presentemente possível completar a série de todos os modelos conhecidos de campaniformes, em face dos achados desta sepultura e das suas similares de Palmela e Alapraia (à excepção unicamente do modelo de taça achatada e angulosa de Ciempozuelos); foi ali usada tanto a decoração incisa com incrustação, como a técnica do ponteadado. Além disso, as sepulturas do Tejo contêm protótipos de todos os objectos, tais como botões perfurados em V, «placas de pulso» perfuradas (Est. VII—n.º 2), as chamadas «placas de arqueiro», e pingentes de ouro (Est. X—n.º 2), os quais, de quando em quando, são encontrados juntamente com os campaniformes, tanto na Península como no resto da Europa; e, inclusivamente, pelo que diz respeito à indústria do metal, este grupo de lugares portugueses contém todos os tipos que aparecem associados à cerâmica campaniforme (cf. Loma de Belmonte, em Almeria; Entreterminos, na província de Madrid, etc.), os quais, como Savory judiciosamente anota, parecem acompanhar a sua expansão por toda a Europa. Se se defende a tese de que a presença de todos os aspectos «campaniformes» é, em Palmela, meramente adventícia e considerada como produto de um determinado possuidor, então o que resta propriamente do «povo de Palmela» é extremamente vago. Mas é apenas o preconceito de que a cerâmica campaniforme deve pertencer sempre a um povo independente

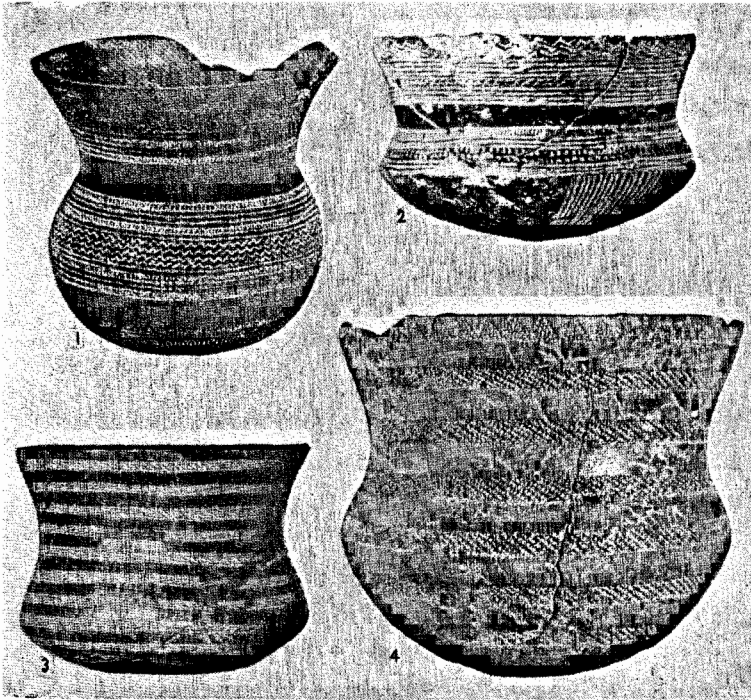
que obriga a admitir a diferenciação do material de Palmela. O Tejo parece ser um centro *por excelência* da cerâmica campaniforme ibérica. Afigura-se por isso mais razoável admitir que o povo das sepulturas de Palmela fosse, de facto, o responsável pelos campaniformes da Península. A cerâmica campaniforme bem poderia ter sido difundida desta região. Em El Acebuchal os tipos metálicos por ali espalhados, como pontas de Palmela com pedúnculo (Est. X-n.º 1), cinzeis e cunhas parecem indicar uma relação directa com o grupo do Tejo, e seria possível explicar a presença de campaniformes, em conjuntos que não podem representar Palmela ou povo aparentado, pelas conexões confirmadas entre o Tejo e outras partes da Península (cf. a «propagação dos botões perfurados em V», por *via* Granada até à região de Valência). Aceitando-se a manifesta inclusão dos campaniformes como parte integrante dos espólios de Palmela, apresenta-se ao menos, deste modo, a possibilidade de revestir de algum significado a expressão de «povo do campaniforme».

Como o próprio agrupamento de Palmela seria provavelmente imigrante, não se pretende de modo algum que a difusão de todo o material semelhante, tanto na Península como fora dela, tenha partido da região do Tejo. A necrópole de enterramentos em coval de Filomena, na costa leste, por exemplo, e o grupo campaniforme perto de Arles, no sul da França, podem muito bem ter provindo, independentemente, do mesmo centro de origem. Não obstante é admissível que o grupo de Palmela mantivesse distantes contactos exteriores, tanto mais que na própria estação de Palmela parece estar localizado o principal estabelecimento de todo este conjunto peninsular.

E, apesar de a identificação de um povo do campaniforme em Palmela não passar, no actual estado das investigações, de mera tentativa, uma hipótese desta espécie, baseando a noção de povo na totalidade do seu material, parece preferível à prática usual de separar desse material a cerâmica campaniforme, e admitir um agrupamento populacional relativo somente a ela.

## BIBLIOGRAFIA

- BALLESTER, I. — «Unas cerámicas interesantes en el valle de Albaida», *Cultura Valenciana*, Fasc. III e IV, 1928.
- BONSOR, G. — «Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis», *Revue Archeologique*, XXXV, 1899.
- BOSCH-GIMPERA, P. — *Etnologia de la península ibérica*. Barcelona, 1932.
- «The types and chronology of West European Beakers», *Man*, Vol. XL, n.º 1-2, Janeiro 1940.
- CASTILLO, A. del — *La cerámica incisa de la cultura de las cuevas de la península ibérica y el problema del origen de la especie del vaso campaniforme*. Barcelona, 1922.
- *La cultura del vaso campaniforme*. Barcelona, 1928.
- «Las tres capas de la cueva de la Mora de Somaén (Soria)», *Archivo de Prehistoria Levantina*, Vol. IV, 1953.
- COLOMINAS, J. — *La pré-historia de Montserrat*. Montserrat, 1925.
- JALHAY, E. e PAÇO, A. do — «A gruta II da necrópole de Alapraia», *Anais da Academia Portuguesa da História*, Vol. IV, Lisboa, 1941.
- LEISNER, G. e V. — *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel. I — Die Suden*. Berlin, 1943. (Sumário de G. Leisner in «A cultura eneolítica do sul da Espanha e suas relações com Portugal», *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 8.ª série, vol. I, Lisboa, 1945).
- LORIANA, MARQUÊS DE — «Nuevos hallazgos del vaso campaniforme en la provincia de Madrid», *Archivo español de Arqueología*, XV, 1942.
- MARTINEZ SANTA-OLALLA, J. — *Esquema paleontológico de la Península hispánica*, 2.ª edição, Madrid, 1946.
- «Obras maestras hispánicas de la cerámica de estilo campaniforme», *Cuadernos de Historia Primitiva*, Año II, n.º 2, Madrid, 1947.
- PERICOT, L. — *La España primitiva*. Barcelona, 1950.
- SAN-VALERO APARISI, J. — «La cueva de la Sarsa», *Servicio de Investigación Prehistorica*, n.º 12. Valência, 1950.
- SAVORY, H. N. — «A influência do Povo *Beaker* no primeiro período da Idade do Bronze na Europa Ocidental», *Revista de Guimarães*, Vol. LX, 1950.

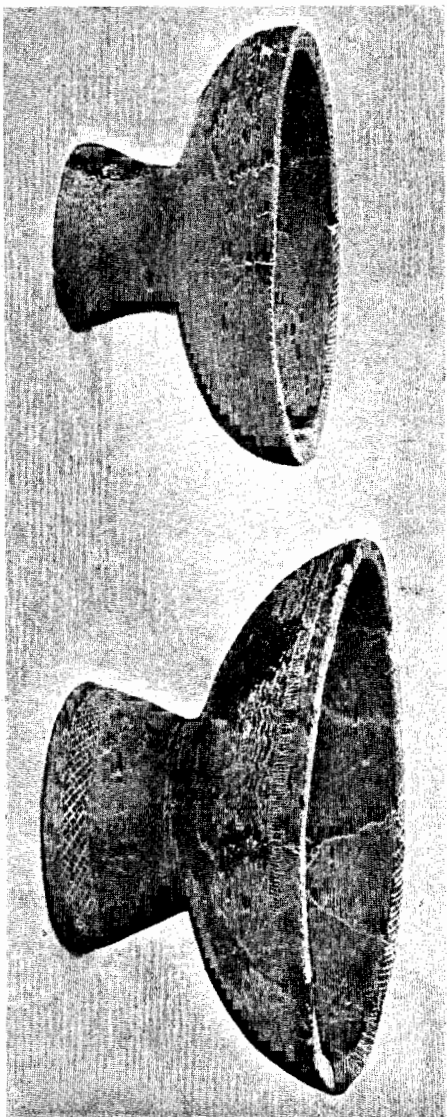


*Cerâmica campaniforme da Península Ibérica.*

1. — Ciempozuelos; 2 e 3. — Alapraia; 4. — Atalaya 6 (ou Los Millares 38).

Em escalas diversas: 1 — Altura, 13,3 cm; 2 — Alt. 8 cm; 3 — Alt. 10,5 cm;  
4 — Alt. 12,4 cm

Est. II

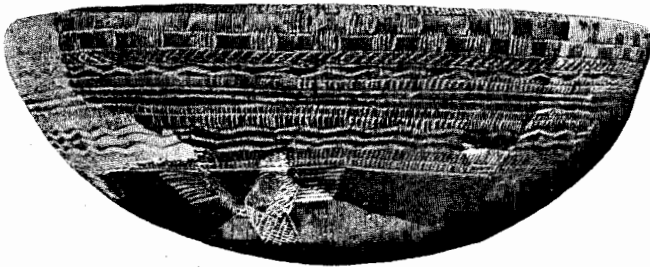


Aprox.  $\frac{1}{5}$  do tam. nat.

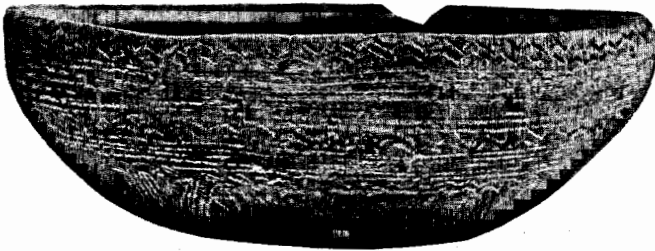
*Vasos com pé (Fruit-stands) de S. Pedro do Estoril.*

(Fot. da Junta de Turismo de Cascais)

1



2



3



*Cerâmica campaniforme de Portugal*

1. — Taça da gruta natural da Casa da Moura (Torres Vedras).  
2. — Gruta de Palmela. 3. — S. Pedro do Estoril.

Aprox.  $\frac{1}{3}$  do tam. nat.

(Fot. dos Serviços Geolog. de Portugal e da Junta de Turismo de Cascais)

Est. IV

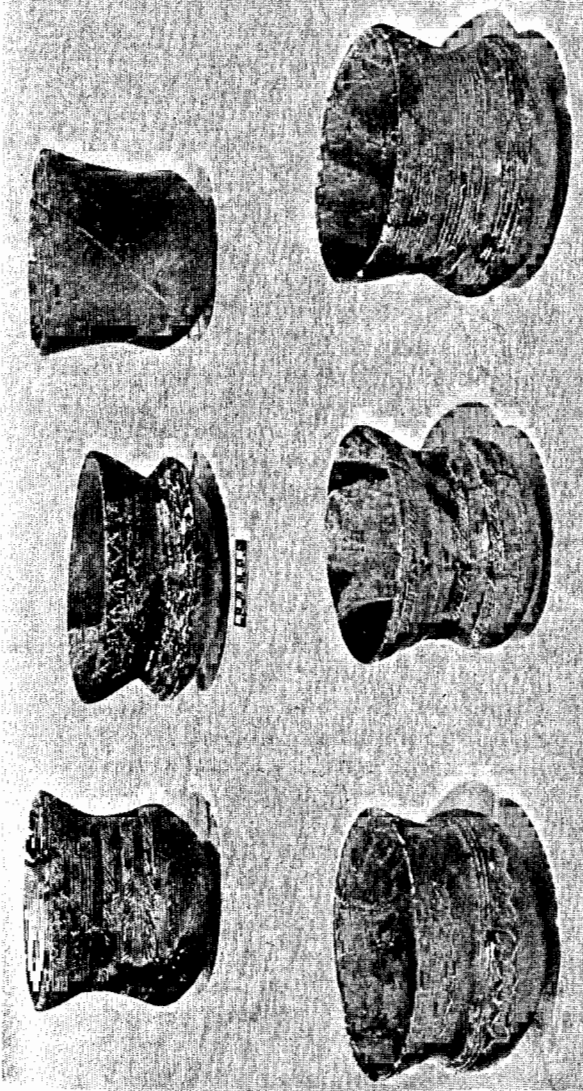


*Cerâmica campaniforme de Portugal.*

*Taça procedente da Gruta II de Alapraia*

Esc. de 1:2,5

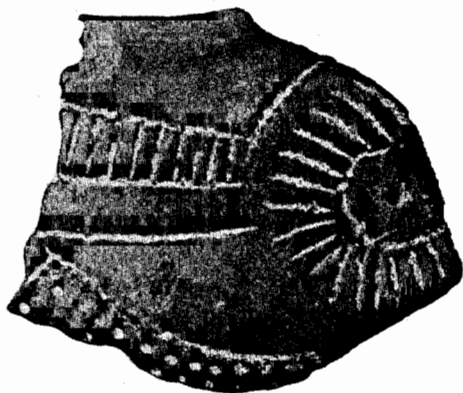
(Fot. de Alonso do Paço)



*Cerâmica campaniforme de Portugal.*  
Vasos procedentes de S. Pedro do Estoril

(Fot. da Junta de Turismo de Cascais)

Est. VI

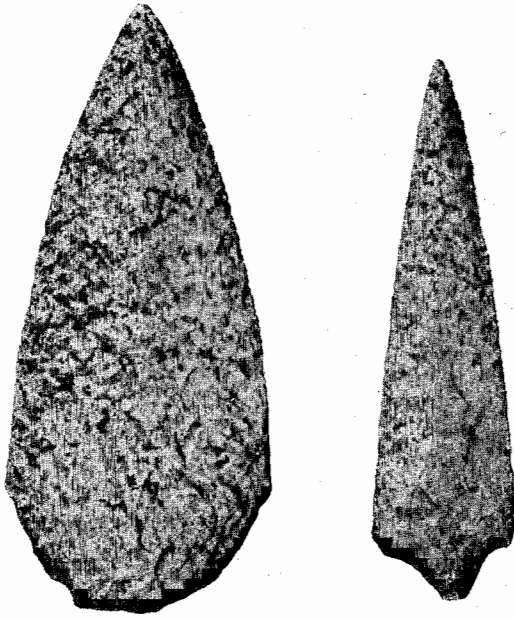


*Fragmento de um vaso com decoração de «oculi» proveniente da Anta Grande de Oival da Pega (Alentejo, Portugal).*

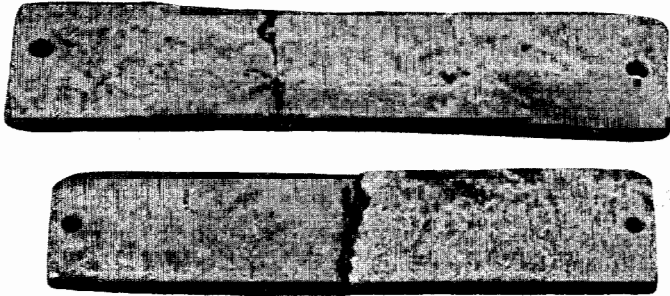
Tam. nat.

(Fot. do Prof. Georges Leisner)

1



2



1. — *Punhais de sílex da gruta natural da Cova da Moura.*  
(*Cesareda*)

$\frac{3}{4}$  do tam. nat.

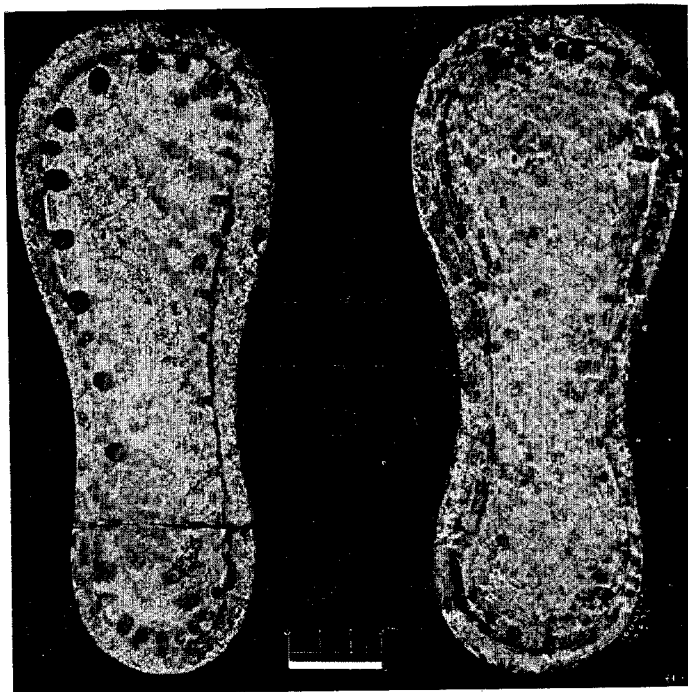
(Fot. dos Serviços Geolog. de Portugal)

2. — *Placas de arqueiro procedentes de S. Pedro do Estoril.*

$\frac{3}{5}$  do tam. nat.

(Fot. da Junta de Turismo de Cascais)

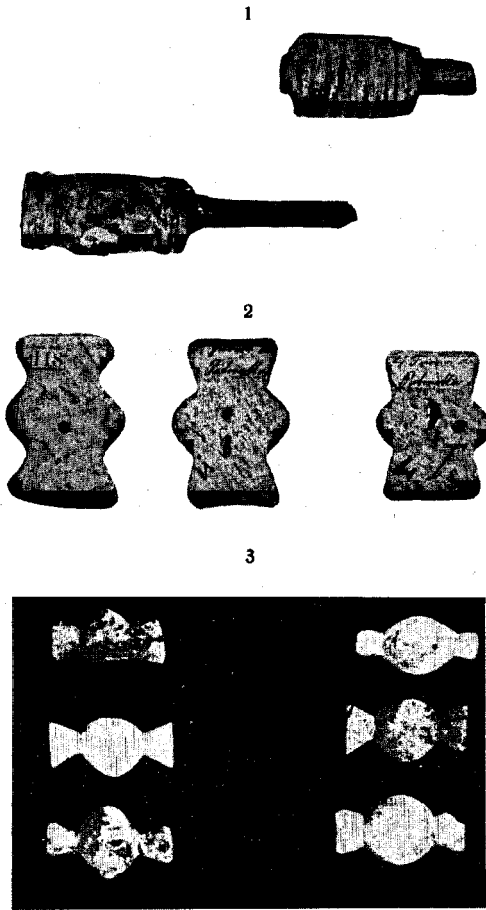
Est. VIII



*Sandálias de calcáreo da Gruta II da necrópole de Alapraia.*

(Fot. da Direcção Geral dos Mon. Nacionais)

Est. IX



1. — *Alfinetes de osso, fracturados, com cabeça móvel, das Grutas de Cascais.*

Tam. nat.

(Fot. da Col. dos Serv. Geol. de Portugal)

2. — *Botões de osso das Grutas de Palmela.*

$\frac{1}{2}$  do tam. nat.

(Fot. da Col. dos Serv. Geol. de Portugal)

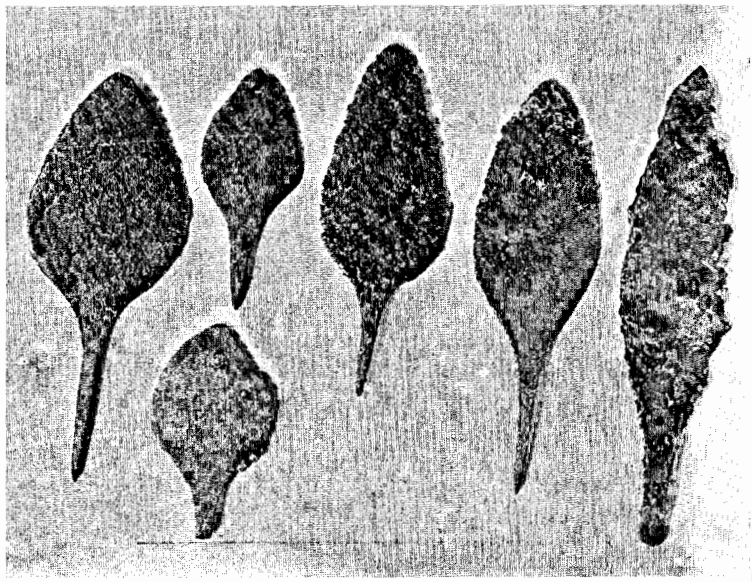
3. — *Botões de osso da Gruta sepulcral de S. Pedro do Estoril.*

$\frac{1}{2}$  do tam. nat. aprox.

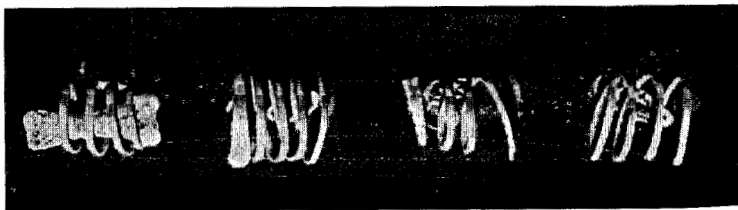
(Fot. da Junta de Turismo de Cascais)

Est. X

1



2



1. — Pontas metálicas com pedúnculo procedentes das Grutas artificiais de Palmela.

$\frac{1}{2}$  do tam. nat.

(Fot. da Colecção dos Serviços Geológicos)

2. — Aneis espiralados de ouro, da Gruta sepulcral de S. Pedro do Estoril.

Tam. nat. aprox.

(Fot. da Junta de Turismo de Cascais)